

Dossiê

Que *boom* é esse? Escritoras latino-americanas contemporâneas em tradução no Brasil¹

Leticia Pilger da Silva¹ 

¹Parte deste artigo é derivado da minha tese de doutorado, intitulada *Revista Puñado: redes e mobilidades d/entre mulheres latino-americanas*, defendida em 2025 pela Universidade Federal do Paraná, publicada no seguinte link: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/96651> Acesso em: 30 jul. 2025.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar, a partir dos estudos da tradução e dos estudos da edição, a publicação do atualmente chamado “nuevo boom” da literatura latino-americana no Brasil, e os seus efeitos tanto para o diálogo entre mulheres da região quanto para a compreensão e para a resignificação da identidade latino-americana. Para isso, parte-se da construção histórica da constituição do conceito de América Latina e do espaço problemático do Brasil nele; na sequência, analisa-se o conceito “nuevo boom” e a presença de mulheres na tradução de literatura hispano-americana no Brasil para, por fim, solidificar a discussão por meio da análise de duas iniciativas editoriais e tradutórias brasileiras: a revista *Puñado*, da editora Incompleta, e a coleção *Nosotras*, da editora Relicário.

Palavras-chave: Mulheres; Tradução; Crítica feminista.

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguagem

Beethoven Alvarez
Lucía Tennina
Editores convidados

Disponibilidade de dados e material:
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Recebido em: 16/06/2025
Aceito em: 12/08/2025

¹Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: leticiaspilger@gmail.com

Como citar:

PILGER DA SILVA, Leticia. Que *boom* é esse? Escritoras latino-americanas contemporâneas em tradução no Brasil. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 68, e68223, set.-dez. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i68.68223.pt>



Introdução

Em 2017, diante da visibilidade crescente de escritoras latino(hispano)-americanas contemporâneas, tanto local quanto internacionalmente – incluindo, aqui, o Brasil –, por meio do aumento da tradução de suas obras para outras línguas e de suas premiações, a jornalista Paula Corroto (2017) escreveu um artigo para o jornal espanhol *El País*, no qual afirmou que “*El otro ‘boom’ latinoamericano es femenino*” para referir-se a essas escritoras jovens. Da mesma forma, em um artigo para o periódico argentino *La Nación*, a jornalista Fabiana Scherer (2021) caracterizou tal fato como “*el nuevo boom*”, também recuperando o fenômeno da segunda metade do século XX que internacionalizou alguns autores da região – Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa e José Donoso – e ficou conhecido como *Boom*. Ana Gallego Cuiñas (2020) caracteriza, de modo irônico, esse aumento na difusão da autoria de mulheres latino-americanas, como “protagonismo insólito”, porque “nunca antes habían publicado tantas escritoras ni habían alcanzado tal nivel de legitimidad, en la academia y en el mercado, en el circuito nacional y en el transnacional”. (Gallego Cuiñas, 2020, p. 71).

Elas têm chegado em grande quantidade ao Brasil, e tem diminuído as distâncias de

um tráfego menos privilegiado de conhecimento cultural, social, teórico, empírico e político entre as mulheres latino-americanas, ou mesmo a negação ou baixa valorização da alteridade mais próxima de uma mulher latino-americana: outra mulher latino-americana. (Fonseca; Silva; Silva-Reis, 2020, p. 220).

Diante desse contexto, neste artigo, analiso esse aumento atual da tradução no Brasil de mulheres latino(hispano)-americanas, tanto como uma ação mercadológica, mas também como um forjamento de contatos e (re)conhecimentos identitários *de* e *entre* latino-americanos. Para isso, começarei com uma breve contextualização do termo “América Latina” para pensar o contato entre o nosso país e seus vizinhos; na sequência, abordarei a construção do termo “nuevo boom” e a tradução das latino-americanas contemporâneas no português brasileiro. Por fim, ilustrarei com duas iniciativas editoriais de tradução brasileiros feita por mulheres cujo objetivo é criar laços latino-americanos luso-hispânicos.

Ser América Latina

O conceito “América Latina” foi uma *ideia inventada* pela modernidade/colonialidade no século XIX. Ele aparece em 1836 em um artigo do francês Michel Chevalier após sua viagem aos Estados Unidos com o objetivo de assinalar as diferenças entre o sul e o norte do continente, bem como afirmar a influência francesa na região (contra a inglesa). Dessa forma, a América Latina passou a englobar os países que falavam espanhol, francês e português e se relacionavam diretamente à França, em contraposição à América Anglo-Saxã (Mignolo, 2007).

A partir de então, o conceito tem sido adotado para se referir ao território geográfico que vai do México até a Tierra del Fuego.

Posteriormente, ao ser usado pelos nascidos na dita América Latina, o termo mostra a colonização interna, bem como a colonialidade do poder (Quijano, 2005) decorrente do racismo e do eurocentrismo construído no processo de colonização. Ele apresenta um silenciamento de povos e de histórias ao reduzir o território a sua relação com a Europa e, consequentemente, manter a lógica colonial.

No entanto, foi reivindicado, a partir da década de 1950, enquanto uma forma de identidade regional e de tomada de consciência da necessidade de decolonização, tanto da herança colonial europeia como do imperialismo estadunidense no pós-guerra. Dessa forma, passou-se a se desvincular o termo da sua acepção inicial e os afro-americanos passaram a reivindicar a latinidade, o que desestabiliza a sua colonialidade e revela presenças invisibilizadas (Mignolo, 2007). Nesse contexto, Lélia Gonzalez (1988) reescreve o nome colonial da região propõe a noção de “amefricanidade”, transformando-a em *Améfrica Ladina*, de modo a revelar a presença indígena, marcada pelos “Andes” no nome, e a diáspora africana na região.

Já o Brasil, por sua vez, se mostra tanto um “problema” quanto uma “necessidade” no conceito (Newcomb, 2012, p. 20) – até mesmo porque grande parte da sociedade brasileira não se reconhece enquanto latino-americana até se deslocar para o Norte Global. Por um lado, ele seria problemático por contestar a coerência cultural, histórica e linguística; por outro, o Brasil ocupa a maior parte do território latino-americano, além de se mostrar progressivamente central política e economicamente na região. A inclusão do país dentro do conceito passou a ser comum apenas em meados século XX, fruto de organização econômica, cultural e social, a exemplo de Henríquez Ureña, que, em 1940, englobou o país em seu curso de literatura enquanto um agregado (Pizarro, 1985).

Ana Pizarro (2004) caracteriza nosso país como “espacio cultural no identificado” (Pizarro, 2004, p. 196) por ser “una especie de gran parêntesis desde Hispanoamérica” (Pizarro, 2004, p. 182). Como ela desenvolve, o lugar deslocado do Brasil se deve ao “andinocentrismo” do conceito de América Latina, compreendida majoritariamente como concomitantemente andina e hispana, mesmo argumento usado por ela para justificar a situação do Caribe e dos latinos nos Estados Unidos.

Há, assim, uma ambiguidade a todo momento como que um contato que caracterizo como tectônico, porque há uma fronteira que se choca quando as partes se tensionam, criando uma certa dissonância pelas diferenças. É nessa fissura que se constrói o sentido de ser “latino-americano”, já que, embora convergentes, há uma discrepância de sentidos e um conflito dentro da heterogeneidade que constitui a noção, de modo que não é possível, de fato, chegar a um consenso, e a identidade latino-americana é reivindicada em suas dimensões incongruentes.

Logo, defendo que a região se configura mais, conforme a proposta de Sonia Alvarez (2009), como uma translocalidade, ou seja, uma formação cultural transfronteiriça e um mover-se entre territórios – considerando o território enquanto: “delimitação do espaço e uma noção eletrônica-geográfica-econômica-social-cultural-política-estética-legal-afetiva-de gênero-e-de sexo” (Ludmer, 2010, p. 110).

No entanto, negar o termo seria apagar as várias contradições que (con)formam e (con)vivem nesse espaço. Hoje, continuar o uso do conceito não é uma afirmação colonial, nem vitimismo geopolítico, mas reconhecer assimetrias e permitir a realização de iniciativas que a corrompam a distância. Tal perspectiva pode ser justificada pelo viés do “nacionalismo modal”, de Haroldo de Campos (2005), ou do “essencialismo estratégico”, de Gayatri Spivak (1996). Isto é, sua reivindicação para afirmar nossas culturas em contraste com a desvalorização histórica decorrente da colonialidade que a opõe em relação aos EUA e aos países europeus, de modo a reafirmar a diferença que nos une. Assim, ela se constituiria modal por também mostrar como não há uma forma una e fechada de sê-la, sem exigir uma definição determinada. É nessa fissura tectônica do seu sentido que o Brasil se insere: faz e não faz parte, a depender das circunstâncias.

Dessa forma, reivindicar a identidade de latino-americano é estrategicamente apropriar-se de uma categoria colonial para mostrar a resistência ao empobrecimento e à desvalorização racista de quem nasce(u) e vive(u) aqui, de modo que adotá-la é coloca-se na ambiguidade entre a colonialidade e a sua negação. E, mais, como defende Ieda Magri (2021, p. 137), “pensar em América Latina é pensar numa coletividade e não numa identidade”. Reconhecer-se como latino-americano, diante disso, é um processo de tradução cultural em tensionamento tectônico entre valores e referentes diferentes da região.

O nuevo boom

Oriundo do jornalismo cultural, o termo *Nuevo Boom* visa mostrar como as escritoras latino-americanas estão ocupando mais espaços e aparecendo como vitrine da escrita atual da região. A recuperação da expressão, contudo, tem desagradado diversas das escritoras, por várias razões, a começar pelo caráter masculino e misógino do termo no século passado; além da homogeneização da poética das autoras contemporâneas, que não apresentam estilos nem temáticas semelhantes (como ocorreu com o Realismo Mágico antes), apenas convivem no mesmo tempo e, em várias situações editoriais, calham de publicar nas mesmas antologias e revistas, bem como de socializar em eventos.

Há, no entanto, quatro coincidências que devemos marcar: a primeira é o perfil profissionalizado da maioria, com currículos recheados de oficinas literárias, mestrados em escrita criativa e cargos editoriais ou acadêmicos; a segunda é a prevalência da publicação de contos,

o que contrasta com a primazia do romance no dito *Boom* dos anos 1960 – ainda que a visibilidade das autoras, muitas vezes, decorra da hierarquização dos gêneros e dos temas; já a terceira decorre de agendas transnacionais nas obras, devido, principalmente, ao deslocamento de várias delas por países e, principalmente, por hemisférios, o que caracterizaria a “mundialização” da sua escrita (Amaro, 2021) e a “alfaguarização” da literatura (Gallego Cuiñas, 2018); por fim, grande parte delas dialoga com discursos feministas na sua figuração pública e na abordagem temática da escrita (Gallego Cuiñas, 2020).

Também não existe um equilíbrio na origem das autoras de modo a representar todo o subcontinente, porque a maioria das destacadas vem de países centrais da região com grande capital simbólico (tanto literário quanto econômico), como Argentina, México e Chile (Capote Díaz, 2021). Isso revela como o mundo da publicação literária não está à parte, no ideal de autonomia que tradicionalmente se espera (Bourdieu, 2002), mas se insere e reflete a lógica do mercado. As oriundas de áreas periféricas da nossa periferia se destacam muito mais pelo reconhecimento em listas, prêmios e resenhas de contextos centrais da própria região ou publicam na Espanha, porque a literatura latino-americana segue dependente da Espanha para se inserir em contextos transnacionais e ganhar capital simbólico (Gallego Cuiñas, 2020).

No Brasil, em uma espécie de importação crítica e mercadológica, tem-se traduzido cada vez mais essas escritoras para o português brasileiro, não só as contemporâneas, mas as invisibilizadas no passado que, apesar de terem publicado nos séculos XIX e XX, só viajaram para cá agora, em um movimento de reparação diante das ausências, como Sara Gallardo, Silvina Ocampo, Elena Garro e Armonía Sommers. Muito longe de considerar esse movimento apenas mais um projeto, de caráter decolonial, de integração da região, precisamos ler esse aumento de difusão das autoras como uma reação à aceitação e à consolidação delas nos contextos do Norte Global, principalmente pela sua presença em bolsas (a exemplo da McArthur, dos EUA, e da DAAD, da Alemanha), assim como pela criação de cursos de mestrado em Escrita Criativa em espanhol nos Estados Unidos e pelos prêmios.

O Brasil o faz enquanto uma tendência mundial, de forma que seria ingênuo de minha parte apenas defender a tradução das escritoras hispano-americanas e caribenhas aqui como estratégia decolonial, tendo em vista que, apesar de essa perspectiva ter crescido e, de fato, influenciado escolhas, é muito forte o mercado do Norte Global na perspectiva da Literatura Mundial. O fato é que a literatura latino-americana voltou aos holofotes, ao menos por ora, e a relação da literatura latino-americana com o restante do planeta continua construída a partir do *Boom* do século anterior como referente, com a manutenção de relações de poder e com sua exotização. Três acontecimentos permitiram o aumento da visibilidade de novas escritoras latino-americanas traduzidas e lidas tanto em seus países como no Brasil: a crítica feminista, a criação de editoras independentes, e a internet.

Desde a década de 1970, a crítica literária feminista vem sedimentando espaço para cada vez mais escritoras e pesquisadoras. Se nos séculos XVIII e XIX as escritoras lutavam para poderem assinar seus livros, de forma que muitas os publicavam sob pseudônimos masculinos, no século XX percebeu-se a conquista, progressivamente, da autoria. Tem-se, desde então, questionado a autoria, o cânone, a representação das personagens mulheres, bem com a própria recepção e tradução (Felski, 2003), com o objetivo de fazer uma “re-visão” (Rich, 2017). Como o foco aqui é a autoria, não podemos esquecer que, por muito tempo – até hoje –, o termo “escrita/autoria feminina” foi usado para desqualificar a escrita de mulheres, reduzindo-as a temáticas e a estéticas consideradas tipicamente femininas (Russ, 2005).

Dentre diversas pautas do feminismo, algumas ações contemporâneas das duas primeiras décadas deste século destacam-se enquanto guinada para o fortalecimento da autoria de mulheres, como o *Me too*, o *Ni una a menos* (sendo este mencionado por Ana Gallego Cuiñas como o início do novo *Boom*). No espaço literário, o *Read women*, importado como *Leia Mulheres*, é essencial para a difusão da prática da leitura de escritoras e a consequente consolidação da sua publicação, bem como o grupo Mulherio das Letras e o coletivo *Mulheres que escrevem*. Tais movimentos fortaleceram essa demanda editorial internacional e nacional, além de incentivarem que mulheres escrevam e publiquem. O mercado, contudo, se apropriou do feminismo, porque a visibilidade, fruto de uma luta histórica por voz e por direitos, cresceu *também* pela lucratividade e, consequentemente, no mercado editorial, por busca de nicho e lucro. Como defendeu Diamela Eltit em discurso na *Casa de las Americas*:

[...] podría ser oportuno [...] referirme a la problemática abierta entre género y literatura. Ya el mercado se ha apropiado de esa disyuntiva. Bajo el prisma de la diferencia, se ha rediseñado inteligentemente el gueto. En realidad no se trata de literatura de mujeres –digo, el posible y complicado desentrañamiento de su cifra–, sino más bien de producir una literatura que sea apta para el consumo de mujeres, me refiero a relatos que hagan viable la proliferación de sus modelos mercantiles. Y así se vuelve a segmentar lo literario para mantener la hegemonía. De esa manera permanecen incólumes la literatura (con mayúscula) y su conservador programa. Y en otra orilla –que no puede sino ser comprensiva– la aglomeración de lo que se entiende por literatura de mujeres. Como apéndice. [...] Asistimos a la biologización de la cultura. Esa cuota cosmética y políticamente pertinente que requiere la segmentación y clasificación de los mercados con el fin de intensificar sus ventas. (Eltit, 2003, s./p.).

A partir da crescente visibilidade editorial das mulheres, também precisamos considerar a edição, tendo em vista que, por meio dela, agrega-se valor às obras tanto pelo trabalho dos editores, críticos, tradutores, leitores e redes de autores.

Nesse sentido, destacam-se as editoras independentes –cujo nome decorre do fato de sua publicação independer, de certo modo, da lógica neoliberal de produção que alfaguarizou a literatura, enquanto uma resistência editorial que vai contra a homogeneização editorial (Muniz Júnior, 2016; Gallego Cuiñas, 2018, 2022; Nascimento, 2022). Assim, por terem relativamente maior liberdade, nelas, edita-se uma gama de gêneros e de literaturas *menores* (como na acepção de Deleuze e Guatarri, 2003), bem como editam autores *noveles*, isto é, novos, ou obras descatalogadas, de forma que contribuem para “mercados literários alternativos, sostenibles e hiper-segmentados” (Gallego Cuiñas, 2019, p. 62).

Muitas escritoras jovens comumente publicam (às vezes com autopublicação) em independentes como uma tentativa da consolidação de sua marca, na aposta de que migrem, no futuro, para as grandes editoras. Essa característica faz com que Gallego Cuiñas (2019) trate as independentes como “*gatekeepers*” literários – uma porta de entrada no mercado editorial para construir capital simbólico. Isso faria delas “laboratórios de éxitos para las multinacionales” (Gallego Cuiñas, 2022, p. 88).

O terceiro ponto que consolidou a presença de escritoras é a internet. Se o *Boom*, nos anos 1960, foi possibilitado grandemente pela evolução dos meios de comunicação (Herra, 1999; Rama, 2008), esse movimento de maior difusão foi catalisado de maneira ainda mais escalada pela internet e suas redes sociais. Tal avanço tecnológico também democratizou o conhecimento dos modos de produção editorial, conseqüentemente o barateando, e permitiu a troca entre mediadores e escritoras (como as editoras independentes), assim como o contato direto entre elas e seu público leitor. Além de que as redes sociais permitem a divulgação mais rápida e imediata seu trabalho, bem como realizem suas transações.

Latino-americanas em tradução

No Brasil, por estar na periferia do capitalismo, a tradução corresponde à maior parte das publicações no sistema literário nacional, já que nosso olhar segue direcionado ao Norte Global. Enquanto, no final do século passado, Venuti (2019) declarou que mais de 95% dos livros publicados no Brasil eram traduções; hoje, de acordo com análise da pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) de 2020, entre 2016 e 2019, 40% das publicações do mercado editorial do país são traduções de livros estrangeiros (Martins, 2021), principalmente do mundo anglófono, língua que se revela “dominante” por ter alto capital literário e simbólico globalmente (Casanova, 2004).

Para Itamar Even-Zohar (2012), a tradução pode funcionar como força propulsora de inovação ao propor novas estruturas, ou como força conservadora, ao manter modelos previamente estabelecidos.

Quando analisamos esse aumento da tradução das latino-americanas no Brasil, percebemos que há inovação na territorialidade da autoria a ser traduzida, mas a conservação está na validação geopolítica dos circuitos internacionais, já que os prêmios e a crítica que recomendam os livros continuam os mesmos. Afinal, como já defendido, o aumento da tradução de escritoras latino-americanas no Brasil segue a tendência mundial não só da valorização da autoria de mulheres nos circuitos reconhecidos de seus países de origem, mas também dos contextos internacionais, como feiras e prêmios do Norte Global – principalmente os estadunidenses, porque esse território funciona como um *gatekeeper* para a tradução das hispano-americanas para outras línguas. Não podemos perder de vista que mesmo ações positivas, como essa maior visibilidade das autoras latino-americanas, não estão isentas da força do mercado, porque a “novidade”, enquanto nicho, também envolve a busca por novos consumidores.

Ainda que a língua portuguesa não seja dominante no cenário literário mundial, ela se insere, enquanto veículo de tradução, como estrutura de consagração das autoras, que anunciam, em seus sites e minibiografias, que foram traduzidas para o português – ao lado de outros idiomas – como forma de validação da sua relevância transnacionalmente. Afinal, com a atual neutralização da perspectiva mundial, o objeto literário é convertido em uma mercadoria para o consumo, de modo que a principal forma de consagração dos livros é a circulação global, que depende da tradução, principalmente nos circuitos das línguas dominadoras, como o inglês (mas também podem ser incluídos o francês e o alemão). A lógica é a de que os livros mais relevantes e com mais “valor” são aqueles mais visíveis, isto é, os mais traduzidos para diversos idiomas (Gallego Cuiñas, 2020).

Contudo, quando pensamos na interação dos textos traduzidos com o sistema brasileiro, a tradução não se insere apenas nessa lógica mercadológica, mas também trabalha, enquanto uma prática aliada às perspectivas feminista e decolonial, na (re)afirmação dos brasileiros enquanto latino-americanos. Como já dito, essa questão identitária é complexa e está em constante construção, portanto se mostra irreduzível, de modo que o processo de abordar recorrentemente se mostra importante para que nós, como sociedade brasileira, cada vez mais nos reconheçamos enquanto parte da América Latina.

É nesse sentido que projetos editoriais independentes que abordam traduções de autorias marginalizadas trabalham também para que essas elas sejam validadas localmente. Sérgio Karam (2016) fez um levantamento de fôlego da tradução de obras hispano-americanas de diversos países de origem no Brasil em sua dissertação e encontrou que, entre 1925 e 2016, das 1.050 obras catalogadas, apenas 59 são de mulheres. Tal situação é lamentável – embora previsível no contexto em que vivemos.

Em uma pesquisa mais recente sobre os movimentos da tradução no mercado editorial brasileiro, Maria Teresa Mhereb (2021) analisou 1297 romances traduzidos entre 2000 e 2019 e publicados em 20 editoras de grande relevância, de diversas línguas, dos quais apenas 25,5% são de autoria de mulheres. Os dados de Mhereb permitem pensar que a tradução, mesmo que dominante no sistema literário brasileiro, também deve ser vista como um *território contestado*, já que a organização do sistema nativo é refletida na lógica responsável pela escolha de títulos a serem traduzidos.

Já em sua tese de doutorado sobre as traduções argentinas no Brasil – principalmente depois do investimento maciço da Argentina no Programa *Sur* –, Karam (2021) constrói uma lista dos livros de argentinos traduzidos aqui entre 1988 até 2021, ou seja, parte do período em que já se pensava no “*nuevo Boom*”. Das 144 obras listadas por ele, apenas 38 eram de autoria de mulheres. Segundo Karam:

Como era de se esperar, houve um grande predomínio da publicação de livros de autoria masculina. A única autora argentina publicada extensivamente no Brasil nas quatro décadas aqui referidas foi a romancista Silvina Bullrich – uma *best-seller* em seu país – que teve seis livros traduzidos aqui, cinco pela Record e o romance *Um momento muito longo* pela Expressão e Cultura, que também publicou livros de Beatriz Guido e de Marta Lynch no início dos anos 1970. A publicação massiva de autoria feminina ficou mesmo para as primeiras décadas do século XXI, num movimento que vem ganhando cada vez mais força; no entanto, cabe citar outras autoras publicadas no período aqui abordado. (Karam, 2021, p. 160).

Não surpreende, nem é mera coincidência que a maioria das iniciativas que têm publicado escritoras traduções de escritoras latino-americanas no Brasil ocorram em editoras independentes, pois trata-se de um projeto político dessas editoras expandir nichos pouco explorados.

Além disso, é interessante percebermos que a maioria dos profissionais a traduzirem as autoras são mulheres, embora não haja uma regra nem uma maior credibilidade no compartilhamento de lugares de fala entre escritora e tradutora, já que a escrita não tem gênero. Partindo do fato de que a tradução sempre foi feminizada na cultura ocidental, e por isso inferiorizada (Chamberlain, 1998), a hipótese acerca dessa marcante coincidência de gênero é o crescimento da perspectiva feminista na cadeia de produção do livro e o consequente aumento de mulheres na área, ou ao menos da visibilidade nela. Podemos pensar, também, a *práxis* feminista das tradutoras tanto nas estratégias tradutórias, como na proposição de textos, como no caso de Livia Deorsola e sua reivindicação de Silvina Ocampo na Cosac Naify e, posteriormente, na Companhia das Letras, como relatou no evento *Escrever a América Latina*, da UFPR; bem como Mariana Sanchez enviando traduções de escritoras para a revista *Curitiba Estórias*, sendo que ela fez um trabalho forte de prospecção de autoras, como ocorreu com Sara Gallardo. Assim, tradutoras (e tradutores) funcionam também como *gatekeepers* da autoria de mulheres latino-americanas no Brasil.

Duas iniciativas d/entre mulheres latino-americanas

Nesse contexto de aumento da visibilidade de escritoras latino-americanas, destacam-se dois projetos editoriais brasileiros que, além de publicarem mais mulheres da região em português brasileiro, trabalham no sentido de chocar tectonicamente os brasileiros com sua constituição latino-americana por meio da edição e da tradução. Ao analisarmos sua organização, diagramação e prefácios, percebemos vestígios de uma proposta de tradução cultural entre brasileiros enquanto latino-americanos por meio da literatura contemporânea.

A revista *Puñado* (Figura 1) foi criada em 2017 pela editora independente paulista *Incompleta*, sob a curadoria da editora Laura Del Rey e da tradutora Raquel Dommarco Pedrão. Embora seu recorte se apresente como “Literatura latino-americana e caribenha”, são publicadas apenas mulheres contemporâneas, porque a *Puñado* decidiu não apresentar o gênero no título enquanto uma decisão que revela a práxis feminista da revista. A justificativa consta no primeiro número:

Porque não acreditamos em uma literatura feminina ou em assuntos de mulher, mas na urgência de abrir espaços. Cientes de que o esforço para trazer esses textos ao papel, ao português brasileiro, é interminável; de que cada volume é parte de uma longa expedição. E mesmo assim, ou por isso mesmo, gostar de vaguear, descobrir nomes, ler. Publicar (Del Rey, 2017, p. 5).



Figura 1. Capas

Fonte: A autora (2025).

Em 7 números, com uma equipe ampliada das duas amigas criadoras do periódico para 40 pessoas (dentre homens e mulheres que contribuem de diversas formas), foram publicados 50 textos de 47 escritoras inéditas oriundas de 23 países diferentes, incluindo o Brasil (Figura 2). E, no momento, está sendo montado e traduzido o 8º número.



Figura 2. Países publicados

Fonte: A autora (2025).

Em um total de 908 páginas, são publicados diversos gêneros: em sua maioria contos, mas também ensaio, poema, capítulo de romances e fotografia. Os originais selecionados são escritos majoritariamente em espanhol (30), o que reafirma o senso comum de latinidade, bem como das concepções tradicionais de América Latina; seguidos pelo inglês (8), língua que marca a forte diáspora latina nos Estados Unidos desde meados do século XX (inclusive tematizada em muitos textos), bem como da presença do inglês em países caribenhos; o francês, com 2 textos do caribe francófono; e o guarani em um texto, embora a tradução tenha sido feita a partir da versão em espanhol, o que revela a lógica colonial das línguas na região. Destaca-se o fato de 7 textos serem escritos em português por brasileiras (ou uruguaio-brasileira, no caso de Gabriela Aguerre), porque a revista se insere no projeto político integracionista, para reafirmar aos brasileiros uma identidade latino-americana. Portanto, a revista pretende provocar os choques tectônicos que demandem a criação de pontes entre contextos.

Cada edição contém textos organizados de acordo com um tema que os une, sendo que, nos prefácios, há justificativas ora específicas ora amplas para cada. Os temas escolhidos, bem como o diálogo entre os textos, permitem um mapeamento das experiências latino-americanas, entre semelhanças e diferenças: (1) exílio; (2) delírios; (3) família; (4) rituais; (5) limbo; (6) jornadas, e (7) instinto.

Caracterizo o projeto tradutório-editorial da revista como uma “arqueologia do presente”. Dessa forma, seu trabalho é uma “arqueologia” contra à sedimentação, porque a equipe editorial escava as publicações dentro e fora do centro da produção editorial em busca de obras que podem não estar nos holofotes da produção ocidental; e seria “do presente” por nadarem contra a corrente na busca pelas literaturas contemporâneas escritas por mulheres latino-americanas, em um movimento contra a sedimentação e o esquecimento de textos, para que não precisem ser escavados e lidos apenas no futuro, como ocorreu com várias escritoras dos séculos passados que só hoje estão sendo traduzidas aqui.

Um dos aspectos relevantes no crescimento da revista é o trabalho com os paratextos e com sua organização. Desde o início, cada edição é organizada em três partes: primeiramente, é publicada a biografia da autora publicada, compreendendo suas atividades literárias e extraliterárias, de forma a contextualizá-la no sistema literário de seu país de origem ou no qual publica, apresentar sua recepção e, com isso, justificar a relevância de traduzi-la no Brasil, ou a apresentação dos títulos já traduzidos aqui – sendo que a grande parte é inédita em português.

Em seguida, é apresentado o texto literário, em português – tradução, quando o texto de partida é em outra língua, ou a primeira versão, no caso de autoras brasileiras. Há a publicação trilingue apenas nos textos da escritora indígena paraguaia Alba Eiragi Duarte Portillo, cuja tradução é acompanhada pelas versões em guarani e jopara, como na publicação na cultura de partida.

Após o texto, a *Puñado* apresenta uma entrevista com a autora. Realizadas por colaboradoras (dentre escritoras, jornalistas, pesquisadoras, tradutoras) de forma escrita e mediadas pela editora, tais entrevistas permitem a construção de redes literárias entre as escritoras e as colaboradoras, pois possibilitam mapear experiências possíveis, literárias e extraliterárias, do que é ser mulher que vive e que escreve na América Latina, ou enquanto latino-americanas em outras regiões, principalmente no Norte Global. A partir disso, se revela como um espaço de debate feminista já que muitas das perguntas perpassam a questão do gênero e da interseccionalidade. A entrevista também faz com que as escritoras (re)pensem sobre sua escrita e sobre seus contextos em diálogo com o Brasil, bem como proporciona que as entrevistadoras (e nós, leitoras e leitores) ressignifiquem o campo editorial e literário do nosso país, os pontos de divergência e de convergência entre contextos distintos e a própria identidade brasileira enquanto latino-americana. Ou seja, a revista se configura como um espaço de choque entre contextos latino-americanos tanto para os leitores brasileiros se repensarem, mas também para que as escritoras de outras nações pensem sobre o seu (des) conhecimento desse grande território.

Além disso, a revista publicou, no sétimo número, um dossiê sobre tradução composto por entrevistas feitas pela jornalista Bárbara Kraus e pela crítica Julia Salazar com cinco tradutoras brasileiras, dentre as quais

estão Silvia Massimini Felix e Mariana Sanchez, que se consolidadas na tradução hispano-americana, além de Neide Jallageas, Stephanie Borges e Adriana Buzzetti. Krauss e Júlia realizam esta mesma pergunta para as todas elas: “você enxerga na tradução de mulheres por mulheres um ato político dentro do mercado editorial?”. As respostas convergem em certos aspectos e divergem em outros. A contribuição de Neide Jallageas amplia para o contexto geral das mulheres ao afirmar que:

Sobre a “tradução de mulheres por mulheres [ser] um ato político dentro do mercado editorial”... sim, sem dúvida. Mas se pensarmos que amamentar em público ainda é um tabu; que a distribuição de absorventes higiênicos foi, recentemente, vetada por um presidente da república (de nosso país, infelizmente); e ainda que nossos corpos permanecem sendo constantemente ameaçados, invadidos e assassinados, dá para concluir que o simples fato de atuar como mulher, permanecer viva, é um ato político. Gostaria de fazer uma ponderação sobre o trabalho de tradução. No meu entendimento, esse trabalho tem um histórico de invisibilidade – tanto que, até hoje, são raríssimas as editoras que incluem o nome da tradutora ou do tradutor na capa dos livros. [...] No caso de tradutoras, essa invisibilidade é reforçada pela desvalorização do trabalho das mulheres em geral. Nesse caso, as editoras podem contribuir não apenas contratando mulheres tradutoras, mas também incluindo os seus nomes nas capas das publicações (Jallageas *apud* Puñado, 2021, p. 235).

Silvia Massimini Felix (*apud* Puñado, 2021, p. 242-243) direciona sua contribuição para o mesmo caminho ao defender que “autoras sendo traduzidas por mulheres são uma possibilidade de dar voz às mais variadas vivências femininas e uma oportunidade de promover reflexões sobre o espaço ocupado por mulheres na literatura”. Já Adriana Buzzetti (*apud* Puñado, 2021, p. 255-256) faz uma ressalva importante: “deve haver, sim, cada vez mais espaço para tradutoras no meio editorial, mas não concordo com a imposição de apenas mulheres traduzirem mulheres. O fundamental é que mulheres não deixem de traduzir nada pelo fato de serem mulheres. Que, sendo mulheres, elas possam traduzir tudo o que precisa ser traduzido”. Para ela, há outras maneiras de desvalorizar seu trabalho como tradutora, como a ausência de respostas de testes ou a contratação de pessoas que cobram um valor menor sem considerar a qualidade – ou seja, condições materiais –, situações que “me incomodam mais do que um amigo meu que é tradutor, homem, ter traduzido os contos da Katherine Mansfield”. Muito além de um debate essencialista sobre a categoria “mulher” nessa questão, como propõe Stephanie Borges, é preciso de uma “ética na tradução” (Borges *apud* Puñado, 2021, p. 251).

Dessa forma, podemos dizer que há, nesse tópico complexo de mais escritoras sendo traduzidas, uma dupla reivindicação: as tradutoras (re) afirmam seu espaço dentro do campo editorial ao se proporem a traduzir tais autoras – embora não devam ficar fechadas a esse contexto. Essa junção reafirma a prática da tradução feminista como maneira de criar alianças entre mulheres globalmente, tendo em vista que a terceira onda dos estudos feministas da tradução, como Olga Castro (2017) chama o momento atual, apresenta uma abordagem crítica e historiográfica.

Já a segunda iniciativa é realizada pela editora Relicário², criada em 2013 por Maíra Nassif, que tem se consolidado na tradução e na publicação de autores canônicos estrangeiros, dentre escritoras latino-americanas, como a chilena Diamela Eltit (com tradução de Julián Fuks), e a argentina Sara Gallardo (com tradução de Mariana Sanchez).

A Relicário publica a excelente coleção *NosOtras* (Figura 3), idealizada e coordenada tanto por Nassif quanto pela tradutora Mariana Sanchez, na qual são publicadas especificamente escritoras latino-americanas contemporâneas.

² A Relicário foi pesquisada por Ana Elisa Ribeiro (2019) no artigo “Editoriales y editoras en Brasil hoy. Dos casos contemporâneos: Chão da Feira y Relicário”, para a revista *Lectora*.



Figura 3. Livros publicados

Fonte: site da Relicário Edições (2025).

O foco da coleção é a publicação de ensaios, e até agora foram publicadas 8 obras de 7 autoras: Carola Saavedra (que escreveu em português), Josefina Licitra, Cynthia Rimsky, Margo Glantz, Lina Meruane, Silvia Molloy e Mariana Enríquez. A tradução de grande parte é assinada por Mariana Sanchez, que já figurou ao longo deste artigo e que participou do Dossiê sobre tradução da *Puñado*. Da mesma forma que a revista, a temática dos ensaios publicados permite um mapeamento das experiências latino-americanas: as mobilidades linguísticas de Molloy; a imigração na autoria de Saavedra; a origem estrangeira oriunda da imigração das famílias de Meruane e Rimsky, bem como a história política da região em Meruane e Licitra. Por meio dessas experiências vertidas ao português, o que possibilita um espelhamento – por mais opaco que seja, pelo reflexo imperfeito –, os leitores brasileiros podem se reconhecer.

Da mesma forma que Aguerre na *Puñado*, a publicação de Saavedra, de origem chilena, mas que vive no Brasil, é produzida diretamente em português. O fato de ambas publicarem na sua segunda língua – que é a nossa, aqui no Brasil – revela o movimento enquanto elemento constituinte da latino-americanidade e o processo de tradução linguístico-cultural decorrente de contatos e mudanças territoriais dentro da região. Além disso, a publicação diretamente em português brasileiro (tanto delas quanto as nascidas no Brasil na *Puñado*, a saber: Natália Timerman, Isabela Benasi, Veronica Stigger, Jarid Arraes e Zênite Astra) em meio a obras escritas primeiramente em espanhol escancara para o público daqui a constituição do Brasil enquanto latino-americano, reafirmando-nos enquanto parte da região, como se o livro fosse o pedaço brasileiro na constituição do *NosOtras*, assim como a mão da editora e da tradutoras, que as trazem ao Brasil.

O texto de apresentação da coleção, ao justificar o nome escolhido, consegue abarcar o contato cultural sobre o qual tenho falado ao longo do artigo:

Pronome feminino na primeira pessoa do plural. Desinência de gênero própria da língua espanhola. Uma coleção de textos escritos por autoras latino-americanas, mulheres brasileiras e hispanofalantes de hoje e de ontem, daqui, dali e de lá. Uma coleção a favor da alteridade e da sororidade, este substantivo ainda não-dicionarizado. *Nós e outras, nós e elas, nós nelas e elas em nós*. NOS.OTRAS pretende aproximar-nos, cruzando fronteiras temporais, geográficas, idiomáticas e narrativas. A proposta é pelo diálogo plural, dar voz e visibilidade a projetos literários heterogêneos que nem sempre encontram espaço editorial. Publicaremos sobretudo não-ficção – ensaios, biografias, crônicas, textos epistolares –, mas prosas de gênero híbrido, fronteiriças à ficção, também são bienvenidas. Porque nosotras somos múltiplas. Curadoria e coordenação editorial: Mariana Sanchez e Maíra Nassif (Relicário, 2024, grifo meu)³.

³Disponível em: <https://www.relicarioedicoes.com/livros/viver-entre-linguas/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Ou seja, há uma divulgação de escritoras de modo a revelar não só quem escreve, mas também sustentar, pela prática tradutória, essa ideia de contiguidade do “nós nelas e elas em nós” por meio de construção de alianças e do (re)conhecimento de outras formas de ser latino-americanas. Quem é do Brasil que lê os textos publicados pela *NosOtras*, ou as entrevistas da *Puñado*, têm a possibilidade de se ver enquanto os latino-americanos que são. Nesse sentido, a tradução seria o meio pelo qual é possibilitada a troca e a construção de contatos. Afinal,

A tradução é política e teoricamente indispensável para forjar epistemologias e alianças políticas feministas, antirracistas e pós-coloniais/pós-ocidentais, pois as Américas Latinas – enquanto formação cultural transfronteiriça e não territorialmente delimitada – devem ser entendidas como translocais (Álvarez, 2009, p. 744).

Tanto na revista quanto na coleção, a tradução se apresenta como esse espaço no qual há a colaboração entre duas (ou mais) mulheres de pontos de vista distintos, que, juntas, aceitam corromper as fronteiras linguísticas e geográficas e se deixam *afrontear-se* para a construção de alianças que Álvarez chama de “translocas”, que se inserem na perspectiva dos feminismos transnacionais, os quais questionam as hegemonias ocidentais e usam a tradução justamente para rompê-las (Castro; Spoturno, 2022). Assim, deixa-se de ser a clássica “bela infiel” que trai o original e se coloca como meio de contato. O rompimento dessa hierarquia ocorre porque a tradução é, na verdade, “traição” (para dialogar com o termo tão caro e tão controverso para a área) de conhecimentos e de experiências hegemônicas que reafirmam assimetrias ao propor e ao mapear caminhos e textos *outros*, de modo a ser instrumento de resistência e ponte de construção de contatos. Nesse processo, “a identidade e a alteridade se misturam”, assim como a tradução se revela “relacionamento, com a diferença radical, inassimilável, do/a outro/a” (Costa, 2020) e, por meio da inteligibilidade mútua, interconecta uma variedade de mundos:

Traduzir, então, se torna muito mais complexo. Tem a ver com tradução linguística, sim, mas também com a disponibilização de um trabalho (com todas as consequências que isso possa ter, todas as “traições” e “apagamentos” que possa incluir) para outros públicos e deixá-lo viajar. Também tem a ver com abrir cenários de conversação e propor novos horizontes para o diálogo. Também significa abrir suas escolhas, seus gostos, suas afinidades para com os outros – o que na política (...) pode comprometer (ou fortalecer) seus princípios. A tradução nesses termos se torna rigorosamente “estratégica e seletiva” (Prada, 2014, p. 73-74 *apud* Costa, 2020, s./p.).

Podemos retomar, aqui, a metáfora que tem sido proposta por pensadores da tradução para tratar dessas alianças forjadas por vias tradutórias: a Malinche⁴. Enquanto ela foi vista historicamente como a *traidora* – ressoando a visão tradicional da própria tradução – de seu povo, por ter sido tradutora e supostamente cúmplice da colonização ao funcionar como *La Lengua* de Hernán Cortez, e hoje tem seu nome relacionado ao complexo de inferioridade no México (o *malinchismo* se assemelha ao *vira-latismo* brasileiro). A perspectiva feminista tem a revisado para afirmá-la como uma das *madres genealógicas* e como metáfora para as tradutoras que, hoje, forjam alianças entre línguas e culturas.

Enquanto mitologia feminina da região, ela representa a transculturação (Godayol, 2012), já que se move entre códigos, culturas e sistemas de poder, sendo, ao mesmo tempo, vítima sexual e conivente com as regras coloniais. Logo, ela é “corporificação da própria metáfora da complexidade da tradução” (Fonseca, 2021, p. 32).

⁴Embora já tenham sido propostas metáforas sem a marcação de gênero, como o “abebé”, de Tatiana Nascimento (Fonseca, 2021), retomo justamente a de Malinche pela marcação de gênero, por ser importante para a perspectiva que tomo no artigo.

As editoras e as tradutoras dessas duas iniciativas brasileiras que abordo aqui seriam *malinchescas* porque se movem pela América Latina e por contextos coloniais, como as línguas europeias; entre países do Sul e do Norte Global, tanto de forma territorial quanto simbolicamente; por sistemas literários tradicionais – que marcam, em grande parte, o discurso colonial na constituição de identidades nacionais –, bem como a lógica do sistema-mundo editorial capitalista que conforma a literatura mundial contemporânea.

Desse modo, duas práticas podem ser abarcadas pelo conceito que desenvolvi em minha tese: *ansiedade do contato*⁵, que aqui apenas menciono por questões de dimensão. Afinal, por meio da prática tradutória, a revista e a coleção divulgam, analisam e reconfiguram a América Latina para o público brasileiro. Essa troca reforça o espaço da autoria por revelar às mulheres que escrevem na América Latina que é possível escrever e re/pensar a literatura no eixo Sul e Sul.

Considerações finais

O presente artigo analisou o contexto da tradução de escritoras latino-americanas no Brasil diante do aumento da visibilidade delas no que está sendo chamado, no jornalismo cultural, de *Nuevo boom*. Como analisei, esse aumento não é um *remake* do fenômeno passado, mas uma reação da crítica feminista, do aumento das editoras independentes e da expansão da internet. A tradução delas no Brasil, porém, não pode ser lida apenas como uma iniciativa integracionista, porque reflete a demanda atual do mundo alfagarizado e mundializado da literatura, portanto também corresponde à tendência do mercado global da tradução.

Ainda, a partir da consideração do Brasil enquanto uma ambiguidade dentro do conceito “América Latina”, defendi que essa maior tradução não só vai contra a invisibilidade do sistema patriarcal, mas também trabalha para a construção de alianças entre as escritoras, seus sistemas literários, com as tradutoras, as editoras, e o público brasileiro. A tradução seria, portanto, um contato criado a partir do choque tectônico entre línguas e contextos e permite que o Brasil reafirme seu (re)conhecimento enquanto latino-americanos.

⁵ Desenvolvo o conceito no capítulo “Tecendo redes e traçando mobilidades entre escritoras latino-americanas”, publicado no livro *Mulheres que pesquisam mulheres na América Latina*, organizado por Camila Marchioro e Christy Beatriz Najarro Guzmán em 2023.

Referências

ALVAREZ, Sonia. Construindo una política feminista translocal da tradução feminista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 743-753, 2009.

AMARO, Lorena. En estado de resistencia: la reciente narrativa hispanoamericana de mujeres. *Catedral Tomada*. v. 9, n. 16, p. 30-61, 2021.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. Da Razão Antropofágica: Diálogos e Diferença na Cultura Brasileira. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 231-256.

CAPOTE DIAZ, Virginia. La literatura latinoamericana escrita por mujeres hoy: aproximación a su recepción y notas preliminares a un fenómeno incipiente. El caso de Colombia. *KAMCHATKA – Revista de análisis cultural*, v. 17, p. 453-473, 2021.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. *TradTerm*, v. 29, p. 216-250, 2017.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura; FLOREZ VALDEZ, Maria Barbara; BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães. Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução. *Cadernos de Tradução, [S. l.]*, v. 42, n. 1, p. 1-59, 2022.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução. A prática da diferença*. FAPESP/UNICAMP, Campinas, 1998.

CORROTO, Paula. El otro ‘boom’ latinoamericano es femenino. *El País*, 14 ago. 2017. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2017/08/13/actualidad/1502641791_807871.html Acesso em: 10 jan. 2025.

COSTA, Claudia J. L. Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 336-339.

DEL REY, Laura. Começo. *Revista Puñado*, p. 5, 2017.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor. In: *Kafka, para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 38-56.

ELTIT, Diamela. *Los bordes de la letra*. 2003. Disponível em: <http://www.letras.mysite.com/eltitcuba0808031.htm>. Acesso em: 10 jan. 2025

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Tradução de Leandro de Ávila Braga. *Translatio*, n. 3, p. 3-10, 2012.

FELSKI, Rita. *Literature after feminism*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

FONSECA, Luciana; SILVA, Liliam; SILVA-REIS, Dennys. Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. *Mutatis Mutandis*. v. 13, n. 2, p. 210-227, 2020.

FONSECA, Luciana. Revisitando metáforas de gênero na tradução: um olhar decolonial. In: *Cadernos da Cátedra UNESCO Memorial.. Movimentos da América Latina*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2021. p. 18-42.

GALLEGO CUIÑAS, Ana. La alfaguarización de la literatura latinoamericana: mercado editorial y figura de autor en *Sudor*, de Albert Fuguet. In: BRESCIA, Pablo; ESTRADA, Oswaldo (org.). *McCrack*: McOndo, el Crack y los destinos de la literatura latinoamericana. Valencia: Albatros Ediciones, 2018. p. 235-254.

GALLEGO CUIÑAS, Ana. Feminismo y literatura (argentina) mundial: Selva Almada, Mariana Enríquez y Samanta Schweblin. In: GUERRERO, Gustavo; LOCANE, Jorge J; LOY, Benjamin; MULLER, Gesine. *Literatura latinoamericana mundial: dispositivos y disidencias*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2020. p. 71-96.

GALLEGO CUIÑAS, Ana . Las editoriales independientes en el punto de mira literario: balance y perspectivas teóricas. *Caravelle*. N. 113. 2019, p. 61-76.

GALLEGO CUIÑAS, Ana. *Cultura literaria y políticas de mercado: editoriales, ferias y festivales*. Berlim/Boston: Degruyter, 2022.

GODAYOL, Pilar. Malintzin/La Malinche/Doña Marina: Re-reading the myth of the treacherous translator. *Journal of Iberian and Latin American Studies*, v. 18, n. 1, p. 61-76, 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. n. 92/93 (jan./jun.), p. 69-82, 1988.

HERRA, Mayra. *El "BOOM" de la literatura Latinoamericana: causas, contextos y consecuencias*. Carlos Monge Alfaro: Universidad de Costa Rica, 1990.

KARAM, Sergio. A tradução de literatura hispano-americana no Brasil: um capítulo da história da literatura brasileira. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

KARAM, Sergio. Traduzir o Brasil, a Argentina e o mundo: coleções de literatura estrangeira nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e nas duas primeiras décadas do século XXI. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Doutorado em Estudos de Literatura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

MAGRI, Ieda. Polêmicas da vizinhança: a partir de uma provocação de César Aira. In: MAGRI, Ieda; CHARBEL, Felipe; GUTIÉRREZ, Rafael (org.). *Leituras do contemporâneo: literatura e crítica no Brasil e na Argentina*. Belo Horizonte: Relicário, p. 125-139, 2021.

MARTINS, Márcia. A tradução no Brasil e a retradução de clássicos: algumas considerações. *TradTerm*, v. 39, p. 151-173, 2021.

MHEREB, Maria T. O livro no novelo das contradições sociais: materialidades do invisível. *Boletim3x22* (Biblioteca Brasileira – USP), n. 6, p. 98-107, 2021.

MIGNOLO, Walter. *La idea de America Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Trad. Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MUNIZ JÚNIOR, José S. *Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)*. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Marcos R. *Graus de independência/dependência (GIDs): um instrumento de análise das práticas e estratégias das casas editoriais brasileiras*. 2022. Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2022.

NEWCOMB, Robert P. *Nossa and Nuestra América: inter-American dialogues*. West Lafayette: Purdue University Press, 2012.

PIZARRO, Ana (org.). *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

PIZARRO, Ana. *El sur y los trópicos: ensayos de cultura latinoamericana*. Santiago: Cuadernos de América sin nombre, 2004.

PUÑADO; KRAUSS, Bárbara; SALAZAR, Julia. Caderno de entrevistas com tradutoras. *Revista Puñado*, p. 233-257, 2021.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en America Latina*. Buenos Aires: El Andariego, 2008.

RELICÁRIO. *Coleção Nosostros*. 2024. Disponível em: <https://www.relicarioedicoes.com/livros/viver-entre-linguas>. Acesso em: 10 dez. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. Editoriales y editoras en Brasil hoy. Dos casos contemporâneos: Chão da Feira y Relicário. *Lectora*, v. 25, p. 227-240, 2019.

RICH, Adrienne. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: BRANDÃO, Izabel (org.). *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL/Editora da UFSC, 2017.

RUSS, Joana. *How to suppress women's writing*. Austin: University of Texas Press, 2005.

SCHERER, Fabiana. El nuevo boom latinoamericano: las escritoras marcan el rumbo. *La Nación*, 12 jun. 2021. Disponível em: www.lanacion.com.ar/lifestyle/el-nuevo-boom-latinoamericano-las-escritoras-marcan-el-rumbo-nid12062021/. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA, Leticia P. Tecendo redes e traçando mobilidades entre escritoras latino-americanas. In: MARCHIORO, Camila; NAJARRO GUZMÁN, Christy (org.). *Mulheres que pensquisam mulheres na América Latina*. Cachoeirinha: Fi, 2023. p. 106-124.

SILVA, Leticia P. *Revista Puñado: redes e mobilidades d/entre mulheres latino-americanas*. 2025. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

SPIVAK, Gayatri. *The Spivak Reader*. Edited by Donna Landry & Gerald MacLean. New York: Routledge, 1996.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

What Boom is This? Latin American Contemporary Women Writers in Translation in Brazil

ABSTRACT

This paper aims to analyze, from the perspective of Translation Studies and Publishing Studies, the publishing the new phenomenon called the “nuevo boom” of Latin American Literature in Brazil, and its effects on the dialogue among women in the region as well as on the comprehension and the redefinition of Latin American identity. To do so, the historical construction of the concept of Latin America is outlined, besides the problematic space of Brazil in it; followed by the analysis of the idea of “nuevo boom” and the presence of women in the Hispanic literature translation in Brazil as well as the discussion with two Brazilian publishing and translation initiatives: the magazine Puñado, from the publishing house Incompleta, and the collection Nosotras, from the publishing house Relicário.

Keywords: *Women; Translation; Feminist critique.*